

O SEMEADOR E O SERMÃO DA SEXAGÉSIMA, UMA QUESTÃO DE ENTRELAÇAMENTO

Doutorando Roberto Clemente dos Santos¹ (UPM)

Resumo:

Versamos sobre as categorias de Aristóteles na organização do Sermão da Sexagésima, pregado por Padre Antonio Vieira, com base na parábola do semeador encontrada no livro de Lucas capítulo 8. Esclarecemos que as condições de produção do discurso relacionam-se aos sujeitos como protagonistas envolvidos na enunciação em que se busca o sentido no jogo que um dado sujeito estabelece entre a configuração verbal e seu sentido implícito. A construção da credibilidade não se alicerça somente na retórica, mas na construção de discursos sobrepostos que se integram e formam um todo para o leitor na interação entre orador, auditório e o texto base.

Palavras-chave: Parábola, Discurso Constituinte, Hermenêutica, Sermão.

Introdução

Os estudos de literatura comparada evidenciam-se como um campo profícuo na análise das relações existentes entre os mais diversos gêneros e contribuem para diversos estudos interdisciplinares. Embora, a ênfase, muitas vezes, centrada na relação de releituras e resignificações entre as obras sejam relevantes, nos apegamos à possibilidade de analisar a construção de uma intencionalidade alicerçada na análise de discursos sobrepostos que são analisados por Carvalho (2006) na obra: *Aristóteles em Nova Perspectiva: Introdução à Teoria dos Quatro Discursos* que surgiu a partir da leitura das obras do filósofo Aristóteles, e são a Poética, a Retórica, a Dialética e a Lógica por meio do direcionamento de quem discursa visando a construção de uma credibilidade.

A presente comunicação tem por objetivo versar sobre as categorias de Aristóteles na organização do Sermão da Sexagésima, pregado por Padre Antonio Vieira, com base na parábola do semeador encontrada no livro de Lucas capítulo 8. Procurando responder como ocorre o entrelaçamento entre a parábola do semeador e o discurso religioso considerando esse discurso religioso um texto construído com base na Hermenêutica e ao contexto em que estava inserido.

Esclarecemos que o tema é amplo e sujeito a várias ramificações, assim como qualquer outro que queiramos discutir, parte de uma escolha que nos mostra um caminho de análise em detrimento de outro e mesmo dentro dessas nossas escolhas deixamos muitas coisas de lado.

Sendo assim consideramos a construção textual que poderia ser vista como um mosaico em que as peças interagem e se integram sobrepondo e entrelaçando as cores, que poderíamos observar como o transporte da informação e responsável pelo relevo e organização do pensamento na constituição de uma determinada imagem, composto pela intenção presente no texto e nas possíveis (re)significações, cuja interação entre ambas auxilia na interpretação da obra.

Para respondermos a nossa questão recorreremos às contribuições de Bakhtin (2006), Brandão (2004), Carvalho (2006), Charaudeau (2006), Hendriksen (2003), entre outros.

Esclarecemos que as condições de produção do discurso relacionam-se aos sujeitos, como protagonistas envolvidos na enunciação e a situação que se enquadram na estrutura social estabelecendo uma relação de interação entre o enunciador, o enunciatário e o contexto. Brandão (2004) postula que “o discurso é o espaço em que saber e poder se unem, se articulam,” com base em pilares que direcionam o sujeito diante de determinada mensagem. Com base nessa afirmativa de Brandão consideramos também as contribuições de Charaudeau (2008), A finalidade do ato de

linguagem (tanto para o sujeito enunciador quanto para o sujeito interpretante) não deve ser buscada apenas em sua configuração verbal, mas, no jogo que um dado sujeito vai estabelecer entre esta e seu sentido implícito. Tal jogo depende da relação dos protagonistas entre si e da relação dos mesmos com as circunstâncias de discurso que os reúnem.

A condição de produção do discurso faz com que reconheçamos o conhecimento individual de mundo e o compartilhado. As funções dos sujeitos envolvidos são legitimadas pelas suas formações discursivas e pelas suas formações ideológicas e depende também da maneira como o tecido dialoga com o conhecimento prévio do interlocutor.

1 Padre Antonio Vieira e o Sermão da Sexagésima

Padre Antonio Vieira nasceu em Lisboa em 1608 e aos 7 anos de idade veio para o Brasil, mais especificamente para a Bahia e em 1623 integrava a Companhia de Jesus. Vieira foi um dos maiores oradores tanto na religião quanto na política no período Barroco.

Uma das características de Vieira era ser claro no que pregava. E dirigia suas críticas ao culto às palavras que alguns pregadores mostravam sem se preocupar com o entendimento do ouvinte. É como que se a palavra fosse vazia de significado para o interlocutor por não se preocupar com o entendimento, mas simplesmente com o preciosismo da palavra bonita, mas oca.

No sermão da Sexagésima que corresponde ao segundo domingo antes do primeiro da quaresma, ou 60 (sessenta) dias antes da Páscoa, Vieira demonstrou sua preocupação com a clareza propondo-se a analisar de quem era a culpa de a Palavra de Deus não frutificar tendo como base a Parábola de Lucas capítulo 8.

1.1 A Parábola do Semeador

A sobreposição das categorias presentes na narrativa auxilia na construção de sentido e nesta construção é necessário observar que apesar da produção de sentido ser, de direito, do leitor, ela se baseia na análise do texto de outro, com um direcionamento que não deve ser deixado à margem do processo de produção de sentido.

Sendo assim, é necessário analisarmos não só os elementos da narrativa para respondermos a nossa questão, mas também as condições de produção do discurso que auxiliam na interpretação do *corpus* a ser analisado e sua interferência na relação entre narrador, mundo narrado e leitor.

Observamos que a parábola enquanto narrativa curta centra o seu interesse na verdade a ser transmitida. Não somente em seu processo de construção desconexo da intenção de retratar o mundo.

Contando parábolas, Jesus desenhava quadros verbais que retratavam o mundo ao seu redor. Ensinando por meio de parábolas, ele descrevia aquilo que acontecia na vida real. Isto é, ele usava uma história tirada do cotidiano, para, por intermédio de um fato já aceito e conhecido, ensinar uma nova lição. Essa lição, na maior parte das vezes, vinha no final da história e provocava um impacto que precisava de tempo para ser entendido e assimilado. Quando ouvimos uma parábola, acenamos com a cabeça, concordando, porque a história é como a vida real e fácil de ser entendida. (KISTEMAKER, 1992, p.15)

No desenvolver da narrativa observamos uma predominância na construção de cenas, com o objetivo de fazer com que o leitor se posicione diante da visão do objeto a ser interpretado.

A cena narrada está ligada ao ato da enunciação, ou cena englobante, onde se considera que o leitor se posiciona de acordo com o tipo e o foco do discurso. A condição de produção de sentido considera a posição em que se enuncia e o contexto, e ambas estão direcionadas ao posicionamento ideológico, maneira de ver o mundo, dos envolvidos e a formação discursiva, maneira de dizer o mundo, e está relacionada ao jogo de construção de imagens que vai se moldando na relação

dialógica presente no espaço que está inserido o narrador e o leitor, o discurso que se materializa. A narrativa é como um discurso embutido na história, em que as partes formam a visão da todo.

[...] é a narrativa enquanto discurso que e não a narrativa enquanto história que está aqui em causa. Aspectos de ordenação (não em termos de definição de encadeamentos, por outras palavras, o estudo da articulação temporal, e já não lógica, da narrativa) aspectos de duração (o tempo encarado, não em função da tentativa de estabelecimento de um ritmo da narrativa, de uma alternância entre situações de relato que poderíamos apelidar de tónicas e átonas através dos meios de discurso que as formulam), aspectos de frequência (relações entre a narrativa e a diegese, consideração dos meios de escrita que homologam a história na narrativa ou, pelo contrário, a distendem ou condensam, a pulverizam, a repetem, a entrecortam ou simplesmente a transcrevem a partir duma idealidade que funciona como modelo e que apenas em função desses meios de escrita é perceptível), aspectos de modo (desenvolvimento e sistematização das questões levantadas pelo problema do ponto de vista condutor) e de voz (assunção das condições de enunciação pela instancia narrativa). (GENNETE, s/d, p.12)

Sobre as formas das Parábolas de Jesus (KISTEMAKER, 1992), pontua como parábolas autênticas as que usam como ilustração um fato comum do cotidiano, e são facilmente compreendidas. Categoria que se enquadra a parábola do semeador que encontramos em Mateus 13.1-9, Marcos 4 de 1-9 e Lucas 8.4-8.

Nesses evangelhos citados observamos mudança no foco de acordo com o propósito de cada livro. Enquanto em Mateus observamos uma preocupação em mostrar a inesperada colheita realizada no reino de Deus; Em Marcos enfatiza-se o ministério e em Lucas encontramos uma versão abreviada colocada em um contexto aprovação ou reprovação.

Com base nessas mudanças de foco observamos um discurso dentro do discurso, uma vez que cada evangelista utiliza a parábola do narrador de acordo com a intencionalidade e diercionamento de seu evangelho.

2 O Discurso Religioso

O discurso é intencionalidade e o ser humano utiliza-se dele para expressar não somente seu pensamento, seu posicionamento, mas também para levar a outro que o ouve a aderir a esse posicionamento. O discurso não é desprovido de intencionalidade, pois a linguagem como expressão da ideologia não se resume na expressão da visão de uma única pessoa, mas de indivíduos ou grupos heterogêneos que querem compartilhar sua visão de mundo.

[...] a relação com a linguagem não é jamais inocente, não é uma relação com as evidências e poderá se situar face à articulação do simbólico com o político. Dessa maneira ele poderá compreender como o simbólico e o político se conjugam nos efeitos a que ele, enquanto sujeito de linguagem, está (as)sujeit(ad)o. Inauguram-se assim novas práticas de leituras que problematizam as maneiras de ler. E em decorrência, por que não, também se deslocam suas maneiras de produzir sentidos. (ORLANDI 2007, p.95)

Mas, ao nos referirmos ao discurso religioso observamos algumas dificuldades no procedimento adequado para a sua análise.

Por natureza, a análise do discurso tende a privilegiar os corpora que permitem articular facilmente fenômenos lingüísticos e fenômenos sociais. É o caso do

discurso político, da imprensa ou da publicidade, dos quais pensamos que são imediatamente interpretáveis em termos de evolução da sociedade. Evidentemente, nada disso ocorre com o discurso religioso, caso em que a relação entre os textos doutrinários e o mundo vivido é frequentemente indireta. Mas isso só é um obstáculo se se continua a privilegiar o estudo de textos doutrinários. Se o interesse se desloca para as práticas discursivas da vida religiosa em toda a sua diversidade, o problema não se apresenta. O que não significa – e essa é exatamente a dificuldade – que é preciso cair no excesso inverso, negligenciando os gêneros mais especulativos. O discurso religioso, enquanto discurso constituinte, faz parte desses discursos que são radicalmente heterogêneos, que associam gêneros de discurso muito fechados, produzidos por e para especialistas, que pretendem enunciar em nome da Fonte que os funda, e gêneros mais próximos da vida cotidiana. É o conjunto de interações entre gêneros bastante diversos que é preciso estudar, em vez de considerar que o essencial está localizado nas arquiteturas doutrinárias ou, ao contrário, nos gêneros do cotidiano. (MAINGUENEAU, 2010, p.101)

A linha de construção do discurso religioso é complicada de se analisar pelo fato de estar dividido no procedimento de interpretação do texto fundador e às práticas religiosas associadas a esses textos.

Observamos a parábola do semeador como o texto fundador, pois é a partir dele que os diversos discursos dos pregadores se estabelecem, logo é a base para dar autoridade ao pregador.

Maingueneau (2006, p. 62) estabelece o texto fundador como “processo mediante o qual o discurso se instaura restando sua própria emergência no interdiscurso”

Sendo a parábola o suporte para a pregação é necessário que haja uma interpretação adequada dessa narrativa. “O texto não é um enunciado auto-suficiente; ele só é um enunciado ao ser tomado num quadro hermenêutico, que vem garantir que um dado texto deve ser interpretado.” (MAINGUENEAU, 2006, p.72)

A função hermenêutica como arte de interpretar textos também pode ser direcionada à função do pregador diante do auditório. Aquele que fala ou escreve para convencer – nunca está sozinho, exprime-se sempre em concordância com outros oradores ou em oposição a eles, sempre em função de outros discursos. (REBOUL, 2004, p. 16)

No discurso, há a manipulação consciente e inconsciente. O falante, por meio de estratégias argumentativas, procura criar efeitos de sentido de verdade ou de realidade, de acordo com o que a sociedade tem como verdade, pois a definição tanto de verdade quanto de realidade parte da premissa que a verdade é situada conforme as informações recebidas de real ou verdade como “o Mito da Caverna” de Platão, com o propósito de convencer o seu interlocutor.

A estratégia discursiva do pregador trabalha em função da imagem que o auditório tem do texto base e por este motivo a sua hermenêutica deve mostrar o que o texto diz.

2.1 Aristóteles e os Quatro Discursos

Esclarecemos que a obra de Aristóteles é vasta tanto em produção quanto em importância e por este motivo direcionaremos nossa análise aos objetivos propostos inicialmente apresentando as ideias bases de Aristóteles, uma vez que o aprofundamento dessas ideias requer um aprofundamento maior nas obras de Aristóteles.

Normalmente quando nos apegamos às contribuições desse filósofo sobre a análise do discurso, encontramos grande ênfase na Retórica como sinônimo de persuasão.

Embora a retórica seja um ponto importante para o alcance do objetivo de um orador de influenciar o outro é preciso considerar que existem outras categorias presentes no discurso que

também são necessários para o alcance do êxito no discurso.

A credibilidade não depende somente da Retórica enquanto arte de convencer pelo discurso, mas de uma sucessão de discursos que se sobrepõem-se entre si formado a imagem do todo e que se desenvolve com base no olhar do interlocutor, como que passo a passo direcionando sua interpretação.

A esses discursos que se sobrepõem Olavo de Carvalho (2006), com base em seu estudo das obras de Aristóteles, denomina de Teoria dos Quatro Discursos que se alicerçam em graus de credibilidade.

Todo discurso é movimento, é transcurso de uma proposição a outra. Tem um termo inicial e um termo final: premissas e conclusão, com um desenvolvimento no meio. A unidade formal do discurso depende da sua unidade de propósito, isto é, da disposição das várias partes em vista da conclusão desejada. (Carvalho, 2006, p.74)

Os quatro discursos que Carvalho se refere como responsáveis pelo sucesso de uma intencionalidade do pregador ou de qualquer que tenha um objetivo são o poético, o retórico, o dialético e o analítico.

Devemos pontuar que trabalhamos constantemente com essas categorias, mas de maneira incondicional, de maneira espontânea.

No discurso poético encontramos uma preocupação com a construção de uma cena enunciativa de modo que tenha uma relevância no cotidiano do interlocutor de maneira que se veja como um participante no discurso.

O ouvinte ou leitor da obra poética coloca provisoriamente ‘entre parênteses’ o juízo crítico, de modo a poder participar mais diretamente da vivência contemplativa que lhe é proposta. A analogia entre a contemplação da arte e a fenomenológica é patente: em ambos os casos suspendemos o juízo de ‘existência’ para mais livremente apreender as ‘essências’.

A credibilidade, no discurso poético, assume portanto a forma de uma participação consentida numa vivência contemplativa proposta pelo poeta. (CARVALHO, 2006, p. 86)

Geralmente esta categoria dentro do discurso religioso surge como se fosse uma introdução do discurso com o objetivo de ser um alicerce para os discursos que vão construindo a imagem de credibilidade para o sermão.

O discurso retórico é persuasivo e tem por objetivo convencer o ouvinte a se decidir diante de uma possibilidade ou a fazer, ou deixar de fazer algo por um apelo, pois age na vontade desse ouvinte.

O retórico sabe que a vontade, em última análise, não pode ser persuadida senão a fazer precisamente o que quer, e que no máximo é possível trocar uma vontade superficial e momentânea por outra mais profunda, já latente no coração do auditório. Nesse sentido, a retórica apela para o que existe de melhor na alma do ouvinte, e tem por isso uma função moral e política, como decisão responsável. (CARVALHO, 2006, p. 95)

Outro discurso que nos apegamos é ao dialético que tem como objetivo defender uma tese faz com que o auditório raciocine a partir do provável, respeitando e agindo com base na visão do outro sobre o tema em pauta.

A credibilidade do discurso dialético depende, portanto, exclusivamente de dois

fatores:

1º O ouvinte tem de se comprometer a seguir a lógica do argumento e a aceitar como verdadeiras as conclusões que não possa refutar logicamente.

2º É preciso encontrar um terreno comum de onde tirar as premissas.

O discurso dialético dirige-se a um ouvinte racional e razoável, que aceite submeter sua vontade à razão e que possua alguns conhecimentos em comum com o orador (CARVALHO, 2006, p. 95-96)

No último discurso responsável que se integra aos outros e também é responsável pela construção da credibilidade e aceitação do que é afirmado pelo ouvinte é o analítico que se baseia nos alicerces das categorias anteriores como conclusões incontestáveis para um público específico.

3 Análise

Esclarecemos que não faremos a análise de todo o discurso religioso, mas sim de recortes selecionados objetivando mostrar os argumentos que deixam mais latentes as categorias que foram abordadas, uma vez que o objetivo de cada um dos quatro discursos foi abordado mostrando sua intencionalidade que se baseou no exame do discurso fundador.

O procedimento metodológico consistirá, num primeiro momento, na escolha dos recortes que serão analisados, considerando que o discurso é dividido em 10 partes e não nos propomos a discutir o conteúdo, mas sim a a maneira como esse discurso se alicerça.

Recorte 1

Nunca na Igreja de Deus houve tantas pregações, nem tantos pregadores como hoje. Pois se tanto se semeia a palavra de Deus, como é tão pouco o fruto? Não há um homem que em um sermão entre em si e se resolva, não há um moço que se arrependa, não há um velho que se desengane. Que é isto? Assim como Deus não é hoje menos onipotente, assim a sua palavra não é hoje menos poderosa do que dantes era. Pois se a palavra de Deus é tão poderosa; se a palavra de Deus tem hoje tantos pregadores, porque não vemos hoje nenhum fruto da palavra de Deus? Esta, tão grande e tão importante dúvida, será a matéria do sermão. Quero começar pregando-me a mim. A mim será, e também a vós; a mim, para aprender a pregar; a vós, que aprendais a ouvir.

Nessa primeira e segunda parte do sermão Vieira tem por objetivo fazer a introdução de seu sermão com base na parábola do semeador procurando criar uma relação entre a parábola e aquele momento mostrando o tema da mensagem em diálogo com aquele momento em que estava inserido. Sendo assim uma preocupação Poética de mostrar a construção de uma cena enunciativa em função de se saber o motivo que não permitia que a palavra de Deus frutificasse-se.

Recorte 2

Fazer pouco fruto a palavra de Deus no Mundo, pode proceder de um de três princípios: ou da parte do pregador, ou da parte do ouvinte, ou da parte de Deus. Para uma alma se converter por meio de um sermão, há-de haver três concursos: há-de concorrer o pregador com a doutrina, persuadindo; há-de concorrer o ouvinte com o entendimento, percebendo; há-de concorrer Deus com a graça, alumando.

[...]

suposto que o fruto e efeitos da palavra de Deus, não fica, nem por parte de Deus, nem por parte dos ouvintes, segue-se por consequência clara, que fica por parte do pregador. E assim é. Sabeis, cristãos, porque não faz fruto a palavra de Deus? – Por culpa dos pregadores. Sabeis, pregadores, porque não faz fruto a palavra de Deus? – Por culpa nossa.

Observamos no terceiro recorte que Vieira finalmente entra no corpo do sermão, e na

argumentação demonstra um discurso retórico que tem por objetivo fazer com que o ouvinte se posicione diante de algumas proposições que se ratificam, ou se dissovem sem base ao se referir aos três agentes presentes na pregação, Deus o ouvinte e o pregador. Desses três apenas um é responsável pelo sucesso na pregação, o pregador. E apresenta como argumento irrefutável que a responsabilidade pela palavra não frutificar não pode recair sobre o ouvinte porque a Palavra de Deus tem o poder de convencer qualquer tipo de ouvinte, não pode recair sobre Deus uma vez que Ele é quem ilumina, fazendo assim com que a culpa recaia sobre o pregador.

Recorte 3

Mas como em um pregador há tantas qualidades, e em uma pregação tantas leis, e os pregadores podem ser culpados em todas, em qual consistirá esta culpa? – No pregador podem-se considerar cinco circunstâncias: a pessoa, a ciência, a matéria, o estilo, a voz. A pessoa que é, a ciência que tem, a matéria que trata, o estilo que segue, a voz com que fala. Todas estas circunstâncias temos no Evangelho. Vamos-las examinando uma por uma e buscando esta causa.

O dialético que se preocupa, como pontuamos, em colocar uma crença à prova na base da contraposição centrando-se na probabilidade lógica do argumento comprometendo-se a aceitar como verdadeiras as conclusões por não possuir argumentos necessários para refutar os argumentos apresentados. E na progressão da estrutura do sermão que visa uma aplicação Vieira segue falando na quarta parte de seu sermão sobre a culpa do pregador citando cinco qualidades importantes que devem estar presentes no pregador: a pessoa que é, a ciência, a matéria, o estilo e a voz. Passa então a pontuar sobre cada uma dessas qualidades buscando a causa do que se propôs a examinar.

Recorte 4

O pregador há-de saber pregar – com fama e sem fama. Mais diz o Apóstolo: Há-de pregar com fama e com infâmia. Pregador para ser afamado, isso é mundo: mas infamado, e pregar o que convém, ainda que seja com descrédito de sua fama, isso é ser pregador de Jesus Cristo. Pois o gostarem ou não gostarem os ouvintes! Oh que advertência tão digna! Que médico há que repare no gosto do enfermo, quando trata de lhe dar saúde? Sarem e não gostem; salvem-se e amarguem-lhes, que para isso somos médicos das almas.

O discurso analítico que seria a comprovação dos argumentos expostos como corretos se baseia nos argumentos anteriores e trata de verdades específicas que se mostram como incontestáveis para um público determinado. Nesse décimo recorte, Vieira afirma que um dos maiores problemas centra-se na preocupação que os pregadores tem de cair de cair em descrédito e por isso não pregam a verdade que se apresenta na Bíblia. Vieira se posiciona afirmando que o bom sermão não é aquele que faz com que os ouvintes se sintam bem, mas os que fazem com que se sintam mal e o levem a refletir sobre a vida que levam.

Conclusão

Como foi pontuado de início o tema é amplo e em nenhum momento foi proposto algo de novo na construção de um discurso, mas sim observar um pouco mais detalhadamente como vai se constituindo a credibilidade nas possíveis significações que se constroem no processo de interação no discurso religioso que se alicerça na “possibilidade, verossimilhança, probabilidade (razoável) e certeza (autêntica).”

Em nosso caso específico pontuamos o sermão como um discurso constituinte que se legitima pela enunciação que se ratifica com base no texto fundador e na análise de um universo

específico que gera um diálogo entre várias vozes que se fazem presentes no ser humano que é formado polifonicamente.

Este é um dos pontos que encontramos a relevância de se observar a função hermenêutica, do texto fundador, a parábola, quanto do interdiscurso que se apresenta na relação pregador e ouvinte, pois o orador deve considerar as perspectivas do interlocutor.

Observamos um apagamento de Vieira procurando fazer com que seus argumentos tenham validade em si mesmos. Como que se fosse o texto explicando o texto.

A construção da credibilidade no Sermão da Sexagésima ocorre pela sobreposição dos quatro discursos que são responsáveis pela construção e confirmação de uma tese com base em um texto base, mas que se confirma na progressão dos argumentos.

E é neste ponto que observamos um entrelaçamento entre o texto base, a parábola e o sermão que interagem com o objetivo de ter a adesão de quem ouve a mensagem.

Pontuamos que a presente análise não apresenta um fim em si mesma e tem a finalidade de, na medida do possível e reconhecendo a sua singeleza frente aos teóricos abordados e outros que não foram citados, servir como base para aprofundar o tema proposto.

Referências Bibliográficas

- 1] BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 12 ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2006.
- 2] BARTHES, Roland. **Análise Estrutural da Narrativa**. Trad. Maria Zélia BarbosaPinto. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- 3] Bíblia da Família. Barueri. Nova Tradução na linguagem de Hoje. SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2006.
- 4] BRANDÃO, Helena Hatshsue Nagamine. **Introdução à Análise do Discurso**. 2 ed. rev. São Paulo: editora da Unicamp, 2004.
- 5] CARVALHO, Olavo. **Aristóteles em Nova Perspectiva: Introdução à Teoria dos Quatro Discursos**. São Paulo: Copyright, 2006.
- 6] CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso Político**. Trad. Fabiana Komesu e Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Contexto, 2006.
- 7] GENETTE, Gérard. **Discurso da Narrativa**. Lisboa: Vega, s/d.
- 8] HENDRIKSEN, William. **Comentário do Novo Testamento, Lucas. Vol 1**. Trad. Valter Graciano Martins. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003.
- 9] MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.
- 10] _____. **Doze Conceitos em Análise do Discurso**. Trad. Adail Sobral [et al.]. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- 11] PERELMAN, Chaïm. **Retóricas**. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- 12] REBOUL, Olivier. **Introdução à Retórica**. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- 13] VIEIRA, Antonio S. J. **Sermões**. Erechim: Edelbra, 1998.
- 14] KISTEMAKER, Simon. **As Parábolas de Jesus**. Trad. Eunice Pereira de Souza. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2002.

iAutor(es)

Roberto Clemente dos SANTOS, Doutorando
Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM)
Departamento de Letras